

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

CAÇA AO FEMININO: (IMAGE)AR E (RE)INVENTAR MODOS DE CRIAR E HABITAR EM *BAILE* E *HORA INCERTA*

Jacqueline Silveira
Universidade Federal de São João del-Rei
jacquelinedecastro.ufsj@gmail.com

Daniele de Araujo Brito
Universidade Federal de São João del-Rei
danielearaujobrito@gmail.com

Resumo

Compreendemos a caça, em sentido metafórico, geográfico, estético e político, como possibilidade de capturar imagens e compor uma cartografia do feminino. Analisamos dois curtas-metragens – *Baile* (2019) e *Hora Incerta* (2022) – que abordam maternagem, (in) visibilidade política e institucional e a invenção de modos outros de habitar o mundo. Assumimos a posição de caçadoras de imagens, fazendo da caça aporte poético, articulado à cartografia enquanto perspectiva metodológica, que acompanha os efeitos do percurso investigativo e problematiza o instituído. A análise organiza-se em duas categorias: maternagem, evidenciando a feminização do cuidado e a sobrecarga imposta às mulheres; e (in) visibilidade política e institucional, que revela desigualdades estruturais e estratégias de resistência. Em *Baile*, o cotidiano de três gerações de mulheres negras em Florianópolis expõe precariedades, afetos e formas silenciosas de resistência. Em *Hora Incerta*, mães universitárias tornam-se protagonistas de uma luta coletiva por reconhecimento e permanência acadêmica, transformando a maternidade em gesto político. Os filmes humanizam experiências, denunciam desigualdades e constituem uma cartografia afetiva e social, articulando tempos e gerações, reafirmando a potência transformadora do feminino como (re)invenção, resistência e criação de mundos outros.

Palavras Chave: cinema; caça; feminino.

Iniciando a caça....

[...] entre os seres humanos que *caçam*, alguns fazem porque querem, outros *caçam* porque creem, outros porque necessitam e, finalmente, outros *caçam* por que devem (Kohan, 2013, p.123; *adaptações nossas*).

A Geografia, entendida como ciência das relações entre sociedade e natureza, pode ser metaforicamente lida como um exercício de caça: buscar, recolher, compartilhar, nomear. Não se trata de fixar sentidos, mas de percorrer territórios físicos e simbólicos, atentos às disputas pelo que pode ser dito e vivido. A palavra “caça”, em si, é polissêmica: pode remeter ao homem caçador da literatura e do cinema, mas também evoca figuras femininas que subvertem esse lugar. Na mitologia, Ártemis, deusa da caça, recusa o matrimônio e escolhe sua própria trajetória, inspirando reflexões sobre liberdade e resistência frente ao dispositivo materno (Zanello, 2018).

É nesse deslocamento que situamos nossa investigação: tomar a caça como posição subjetiva e política. Como lembra Estés (2018), a mulher selvagem precisa reconectar-se aos

instintos de caça – aqui entendidos como luta, autonomia e invenção de si. Reformulamos, assim, um gesto historicamente masculino e o dirigimos à busca de imagens do feminino no cinema.

Adotamos a Cartografia como perspectiva metodológica, compreendida como prática inventiva que cria caminhos de pesquisa e problematiza o instituído (Kastrup, 2012). A cartografia aproxima-se da caça: ambas implicam movimento e atenção às “rachaduras”, “fissuras” e “brechas” que os filmes possibilitam, como sugere Deleuze (2013). Nosso objetivo é analisar dois curtas – *Baile* (Bittar, 2019) e *Hora Incerta* (Omelczuk; Barcelos, 2022) – que apresentam o feminino em sua potência política e resistência. Neles emergem questões da maternagem, da visibilidade e da invenção de modos outros de habitar o mundo.¹ Perguntamo-nos: como essas imagens constroem cartografias alternativas do feminino? Como o verbo “caçar”, tomado como metáfora geográfica, estética e política, ajuda a ressignificar formas de ver e existir?

O cinema, como lembram Cavalcante et al. (2016), é ao mesmo tempo objeto e instrumento: aproxima da realidade, produz empatia, revela desigualdades e suscita debates. Nossa caça aos filmes é, portanto, um gesto poético: colher narrativas que escapam aos clichês e que, ao invés de serem capturadas, nos afetam e transformam. Assim, caçar é um modo de ver e de sentir, um exercício de resistência que abre espaço para criar novos modos outros de criar e habitar mundos.

A primeira captura: O *Baile*

Percorrendo múltiplos circuitos em sucessivos relances, sempre incompletos e “sem modelo mnésico preexistente” (Kastrup, 2012, p. 45), capturamos o filme *Baile*. A obra de Cíntia Domit Bittar, na tradução inglesa *Summer Ball*, é um curta-metragem lançado no Brasil no ano de 2019. A estória de *Baile* prima por mostrar a realidade cotidiana de Andréa (Emilly de Jesus), uma criança de 10 anos que vive com sua mãe, Lurdes (Patrícia Saravy), e sua bisavó (Adélia Garcia Domingues). O enquadramento vertical 9:16 aproxima o curta das linguagens digitais e das fotos que permeiam a trama, “reforçando a sensação de intimidade e registro do real” (Martin, 2013, p.38). A ambientação remete a uma realidade periférica de classe popular em Florianópolis, capital de Santa Catarina, no Brasil: mulheres negras em uma casa simples, sem figuras masculinas, dependentes de políticas públicas, como no episódio em que Andréa não consegue retirar o remédio da avó devido a cortes governamentais.

O filme destaca a relação intergeracional: Lurdes, trabalhadora sobrecarregada entre emprego, lar e cuidado da mãe idosa com *Alzheimer*, e Andréa, que, mesmo criança, questiona de modo sutil a sociedade em que vive. A obra constrói, assim, uma cartografia afetiva marcada por resistência, maternagem e invisibilidades sociais.

¹ Este trabalho deriva da dissertação de mestrado de Jacqueline de Castro M. F. Silveira, defendida em 20/12/2023, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ, sob orientação da Profa. Dra. Giovana Scareli, e da dissertação de mestrado de Daniele de Araujo Brito, defendida em 23/09/2024, no mesmo programa, sob orientação da Profa. Dra. Fernanda Omelczuk Walter.

A segunda captura: *Hora Incerta*

Do Sul do país, onde acompanhamos o cotidiano de Andréa, sua mãe Lurdes e a bisavó, chegamos ao Sudeste, em São João del-Rei (MG), com o curta documental *Hora Incerta* (2022), de Fernanda Omelczuk e Marcius Barcelos. Se em *Baile* a narrativa se concentra no interior de uma casa periférica sustentada por três gerações de mulheres, em *Hora Incerta* a casa se amplia para a universidade, transformando-se em espaço público de visibilidade. Ali, diferentes mulheres com suas filhas, em sua maioria meninas, compõem um mosaico de afetos, desafios e resistências.

O curta nasce do coletivo Estudantes Mães (R)Existem, que iniciou colagens fotográficas (lambes) nos muros da universidade, transformando a arte em gesto político de visibilidade e rede de apoio. Durante a pandemia de *Covid-19*, a sobreposição entre casa, estudo e trabalho acentuou as desigualdades de gênero e a sobrecarga materna, evidenciando restrições históricas ligadas à divisão sexual do trabalho (Federici, 2019) que, como afirmam Nascimento e Nunes (2020, p. 48), impõe às mulheres “a responsabilidade exclusiva da maternagem e do cuidado do lar”. Ainda assim, o documentário revela a potência do cuidado como resistência, mostrando que permanecer na universidade sendo mãe já constitui um ato insurgente. Ao cartografar experiências e reivindicações, *Hora Incerta* funciona como registro e intervenção: torna visível a presença dessas mulheres, fortalece lutas por políticas de inclusão e reafirma o protagonismo feminino como criação de outros modos de habitar o mundo acadêmico.

Hibridização na caça: O entrelaçamento entre os filmes

Na caça, “hibridização” refere-se à criação de híbridos, como animais para caça de troféus, ou à mistura entre espécies selvagens e domésticas. Em nossa caça, trata-se de um gesto poético e conceitual, combinando diferentes caças — literais, simbólicas ou imagéticas — para gerar novos significados. Cada captura carrega memórias e posições próprias, e ao misturá-las, surge uma experiência híbrida capaz de revelar relações inesperadas entre sujeitos, objetos e territórios. No cinema e na apresentação do feminino, essa hibridização permite mapear formas alternativas de existência, subjetivação e resistência, propondo uma cartografia do imaginário que escapa às normas rígidas e abre espaço para novas maneiras de ver, sentir e habitar o mundo.

Nossa análise não segue a linha narrativa dos filmes, mas se organiza em categorias que refletem encontros e interseções: 1) maternagem e 2) (in)visibilidade política e institucional.

1) A maternagem

O lugar da mulher-mãe nos faz refletir sobre a feminização do cuidado e a sobrecarga imposta ao feminino como construções da lógica do dispositivo materno (Zanello, 2018). Em *Baile*, Lurdes concilia trabalho, maternidade e cuidado da bisavó de Andréa; em *Hora Incerta*, mães estudantes enfrentam sobrecarga semelhante, conciliando estudo, trabalho e cuidados domésticos, muitas vezes em invisibilidade institucional.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Fomos ensinadas a acreditar que amor materno e cuidado doméstico são “provas de afeto”, mas são formas de trabalho invisível, não remunerado, historicamente atribuído às mulheres. Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD) (2019) mostram que elas dedicam quase o dobro de horas semanais às tarefas domésticas em relação aos homens, assumindo uma verdadeira jornada tripla.

Esse território feminino sustenta a engrenagem capitalista e patriarcal que mantém a exploração do trabalho assalariado e doméstico, reforçando desigualdades (Federici, 2019). A maternagem *full time*, aliada às demandas pessoais e familiares, intensifica o cansaço, sobretudo quando intersecciona raça e classe (hooks, 2020; Vergès, 2020; Zanello, 2018). O cansaço nas expressões de Lurdes e das mães universitárias evidencia condições sociais, culturais, econômicas e raciais que atravessam a realidade de tantas mulheres, revelando a resistência silenciosa que sustenta a vida cotidiana e a luta por autonomia e reconhecimento.

2) A (in)visibilidade política e institucional

Em *Baile*, o passeio escolar à Assembleia Legislativa de Santa Catarina evidencia desigualdades de gênero e raça pelo olhar de Andréa. Ela observa a estátua de Antonieta de Barros, pioneira negra da resistência feminina, e a disparidade entre a pequena Galeria Lilás — com apenas 15 deputadas homenageadas — e a imponente galeria de ex-presidentes, composta exclusivamente por homens brancos. A câmera mostra a assimetria entre fotografias femininas diversas e retratos masculinos padronizados. Em gesto simbólico de resistência, Andréa cola sua própria foto 3x4 entre os ex-presidentes, inscrita onde sempre se privilegiou o masculino branco — um ato delicado, mas potente, de reparação e protagonismo feminino.

Essa potência se reflete nas narrativas e imagens das mulheres em *Hora Incerta*, que mapeia a realidade de mães-estudantes da UFSJ, evidenciando barreiras estruturais — como a falta de políticas públicas que garantam proteção às crianças enquanto suas mães estudam e a ausência de espaços adequados para troca de fraldas — ao mesmo tempo em que mostra conquistas históricas alcançadas por meio de muita luta. Historicamente, o acesso feminino ao ensino superior foi restrito: apenas em 1979 a Lei nº 7.247/1979 permitiu a matrícula de mulheres em graduação, e em 1995 a Lei nº 9.029/1995 garantiu estabilidade no emprego às gestantes. Em 2021, a Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) instituiu uma comissão para propor políticas de licença e garantir a inclusão das mães nos editais internos da universidade.

Apesar das dificuldades, o curta registra avanços e solidariedade: muitas mulheres relatam maior apoio de colegas e professores, permitindo continuar os estudos e visibilizar suas lutas. Tanto o gesto simbólico de Andréa quanto o suporte institucional e comunitário às mães revelam estratégias de resistência e presença, mostrando que visibilidade e reconhecimento podem ser conquistados quando ações individuais e coletivas se articulam.

Quando a caça chega ao fim....

Os filmes apresentam o feminino como construção social, e não dado natural. Ao nos convidar a romper com normas impostas ao tornar-se mulher “[...] refuta as afirmações de totalidade e universalidade, bem como a presunção de oposições estruturais binárias a

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

operarem implicitamente no sentido de subjugar a ambiguidade e abertura insistentes da significação linguística e cultural”. Como resultado, a discrepância entre significante e significado torna-se a “différance” operativa e ilimitada de linguagem, transformando toda referência em deslocamento potencialmente ilimitado (Butler, 2003, p. 70).

Ao classificar os sujeitos, a sociedade cria divisões e rótulos que distinguem e discriminam (Louro, 2014), restringindo historicamente a mulher a uma economia que privilegia o masculino e a maternidade. *Baile e Hora Incerta* humanizam relações e ampliam a cartografia do feminino, revelando lutas e modos de existir. As diretoras convidam a perceber igualdade e não hierarquização das escolhas, denunciando questões sociais e políticas de forma sensível. Encontrar com o cinema durante nossa caça revelou seu potencial de multiplicar pontos de vista e desestabilizar compreensões rígidas da realidade, possibilitando processos de conhecimento e invenção de si e do mundo (Kastrup, 2012), abrindo caminhos para imaginar mundos outros e campos férteis de subjetivação, cuidado e criação.

Caçar é buscar com atenção e atravessar territórios físicos, afetivos e simbólicos. Em *Baile*, a câmera captura o cotidiano miúdo de Andréa; em *Hora Incerta*, mães universitárias transformam a maternidade em resistência coletiva. Os filmes constroem uma cartografia afetiva e social que conecta gerações, evidenciando lutas e afetos. Nesse sentido, a metáfora da caça se entrelaça à cartografia metodológica: ambas rejeitam trajetos lineares, valorizando o percurso como criador de objetivos próprios e acompanhando seus efeitos sobre sujeitos, conhecimento e mundo (Passos & Barros, 2012), reforçando a (re) invenção, a resistência e a criação de mundos outros.

Referências

- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: Trabalho e Rendimento 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019
- BRASIL. *Lei nº 7.247, de 10 de outubro de 1979*. Dispõe sobre a matrícula de mulheres em cursos superiores. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 out. 1979.
- BRASIL. *Lei nº 9.029, de 13 de abril de 1995*. Proíbe a adoção de práticas discriminatórias para efeito de acesso ao emprego e sua manutenção, por motivo de sexo, origem, raça, cor, estado civil, situação familiar ou idade. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 14 abr. 1995.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAVALCANTE, F. *Impactos de um documentário sobre o cotidiano de mães e filhos com deficiência: uma análise de cineabates*. Ciência e Saúde Coletiva, 21(10). Outubro de 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.18522016> . Acesso em 9 fevereiro 2024.
- DELEUZE, Gilles. *L'Image-temps [A Imagem-Tempo]*. Tradução de Eloisa de Araujo Ribeiro. Brasília: Editora Brasiliense, 2013.
- Domit Bittar, CÍNTIA. *Baile (Summer Ball)*. 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=PO_iwPpkL0Q.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

- ESTÉS, Clarissa Pinkola. *Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem*. Tradução de Regina Zilberman. 12. ed. São Paulo: Rocco, 2018.
- FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista* Trad. de Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* [1952]. Tradução Bhuvi Libanio. 13ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020
- Hora Incerta. Direção: Fernanda Omelczuk; Marcius Barcelos. 2022. 19:01 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=73oMKRSWrEo>. Acesso em: 10 fevereiro 2023.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- KOHAN, Walter Omar. *O mestre inventor: Relatos de um viajante educador*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013
- LOURO, Guacira Lopes et al. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MARTIN, Marcel. *A Linguagem Cinematográfica*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2013.
- NASCIMENTO SILVA, L. M; NUNES, C. *Acesso e permanência na educação superior X exercício da maternagem: entre trajetórias, representações e exigibilidade de políticas estudantis*. Direito.UnB - Revista de Direito da Universidade de Brasília, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 41–79, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unb.br/index.php/revistadedireitounb/article/view/28322>. Acesso em: 11 maio. 2023.
- PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção da subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. Trad. de Jámille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.
- ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.